

DONQUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini
Escritorio - Largo da Carioca 4 (sob.)



Se os ratos são transmissores da peste bubônica, acabemos
de uma vez com elles!

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, a fim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE aquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como aquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 21 DE OUTUBRO DE 1899.

A GUERRA

Não houve meio de entrar em um accordo que satisfizesse plenamente tanto a Inglaterra como o Transvaal.

Tarde ou cedo devia arrebentar a guerra.

A politica colonial ingleza está hoje arrependida de ter consentido que tanto a Republica do Transvaal como a de Orange se tornassem estados livres e independentes.

Pensava então a Inglaterra que as duas republicas seriam mais ou menos eguaes á de S. Marino, que se compõe de 12.000 habitantes, e que nunca ousariam levantar a grimpá contra o poderio britannico.

Mas, com o tempo, ha perto de meio seculo, o Transvaal e depois o Orange, cujos habitantes são de origem hollandeza, com usos e costumes inteiramente diversos, foram crescendo, augmentando sua população, creando cidades e bellos edificios e egualmente a maior antipathia e odio contra os inglezes, que pretendem metter o nariz nos seus negocios e, sobretudo, nas suas ricas e importantes minas de ouro.

Estando estas no Transvaal e sendo exploradas por inglezes, que para lá levaram toda a sua actividade e grande numero de libras esterlinas, a questão tornou-se grave, pois interessa grandes interesses.

Não será este o movel mais importante da guerra?

Por outro lado a Inglaterra, que já possui grande porção do territorio africano, pensa em ligar o norte com o sul, desde o Egypto até o Cabo da Boa Esperança. O

Transvaal e o Orange são considerados como dois trambolhos que lhe difficultam o seu gigantesco e ambicioso plano.

A guerra do Transvaal será, portanto, terrivel!

Si este tiver algumas vantagens no começo, não tardará a perdê-las de todo com o tempo, e o sacrificio de tantas vidas para conservar a sua independencia será completamente inutil. Tanto o Transvaal como o Orange passarão a ser possessões inglezas.

N'este ponto discordamos de V., o brilhante e criterioso escriptor da secção publicada pela *Noticia* e intitulada «Exterior pelo telegrapho», que julga que a Europa não consentirá.

Esta tem-se mostrado tão egoista em circumstancias analogas, que duvidamos qualquer intervenção da sua parte, a não ser a platónica, como aconteceu com a Grecia e a Turquia e com a Hespanha e os Estados Unidos.

A Europa tem também suas colonias na Africa e não lhe convém indispor-se com a Inglaterra, que, possuindo as chaves do Mediterraneo, cujas portas são Gibraltar e o canal de Suez, acha-se em condições excepcionaes para nunca temer que a incommodem na sua politica colonial africana.

Pobre Transvaal e pobre Orange!

La loi du plus fort est toujours la meilleure, dizia La Fontaine.

La force prime le droit, disse Bismark.

E nós também dizemos: Diante da força não ha resistencia.

E infelizmente assim é!

PESTE SOCIAL

Não sabemos si esta será peior do que a bubonica!

Si uma ameaça nossas vidas, a outra lança o descrédito sobre nossos costumes e fere a moral e a sociedade, obrigando nossa população a assistir a tudo quanto ha de mais repugnante com a exposição forçada e publica, tanto de dia como de noite, da mais ignobil prostituição.

E isto dura ha não sei quantos annos, para maior gloria da nossa civilização e da moralidade e alto criterio dos nossos governos municipaes!

Não deixaremos passar sem reparo o projecto de lei apresentado pelo Sr. Leite Ribeiro, que parece querer pôr um freio a toda essa pouca vergonha.

Louvamos-lhe a intenção, mas achamos o seu projecto estúpido e immoral! Isto, para fallar com franqueza!

Transcrevemos aqui os dois artigos principaes do projecto:

Art. 1.º—Os predios do Districto Fe-

deral, situados em quaesquer ruas, travessas, avenidas ou praças, pelas quaes trafegarem carris de ferro-via e que forem habitados ou occupados por meretrizes, pagarão, além da taxa normal do imposto predial, a taxa extraordinaria de dois contos de réis annuaes.

Art. 5.º—A arrecadação d'essa taxa constituirá renda especial exclusivamente destinada á criação e manutenção de um hospital-maternidade e asylos para mulheres indigentes.

Os outros artigos referem-se ao modo de cobrar a referida taxa.

A prostituição é, portanto, considerada como um meio de renda municipal!

Não importa que continuem as exposições de meretrizes e o espectáculo vergonhoso a que nos referimos acima, comtanto que aquillo renda. A questão é de dinheiro!

E para que a caridade possa corar de vergonha, ella será sustentada com o producto da prostituição!

O rendimento será destinado á criação e manutenção de um hospital-maternidade e asylos para mulheres indigentes!

Que vergonha!

Essa *caftina* lei só podia sahir da cabeça de um intendente da nossa Municipalidade.

Não é, portanto, para admirar que esta nossa capital tenha ficado tão atrasada de todas as outras no seu progresso, tanto material como moral!

Qual! Isto nunca ha de endireitar!

Peste bubonica

Pelos telegrammas e jornaes do Estado de S. Paulo já foram informadas todas as autoridades sanitarias, as que não o são e a população d'esta bella capital (bella é um modo de dizer), que a Sra. peste bubonica deu uns ares da sua graça na importante e commercial cidade de Santos.

Suppomos — nada ha de extraordinario n'este mundo — que esta visita é devida a um simples acto de cortezia (bem o teriamos dispensado) d'esta Sra. peste, que suppôs talvez com os seus botões (caso os tenha) estarmos escandalizados por ter feito a sua primeira visita, na America do Sul, a uma nação de terceira classe, como é o Paraguay, passando pela nossa e pelas do Prata meio incognita e bem escondida em algum navio, no qual tomou passagem como qualquer simples mortal.

O que nos leva a assim pensar é que a Sra. peste, achando-se no Paraguay, teve bastante tempo para informar-se do que aqui se fazia e projectava-se fazer, caso ella quizesse honrar-nos com a sua visita.

Soube, naturalmente pela leitura dos nossos jornaes, que recepção tão brilhante como a que se fizera ao general Roca a esperava aqui no Brasil.

A noticia de que a nossa esquadra tinha sido preparada especialmente para receber-a, as fortalezas artilhadas para salvar-a, os lazaretos e outros importantes estabelecimentos sanitarios convenientemente dispostos para hospital-a, sem contar com outras importantes medidas tomadas pelo chefe do estado-maior sanitario, o illustre e denodado Dr. Nuno de Andrade, que accumula duas patentes importantes, a de almirante e a de general em chefe, encheu de verdadeiro jubilo e de um justo orgulho S. Ex. Bubonica!

Resolveu então visitar-nos! E' verdade!

Já está oficialmente recebida em Santos, onde desembarcou, e é provavel que estará, si já não está, n'esta nossa capital!

Ella veio modestamente e de mansinho, como quem não quer assustar a gente; nem pretende tomar por ora caracter epidemico. Não devemos, portanto, assustar-nos.

Bem dispensava-se a tal visita, pois que de peste temos muitas!

Quem tem, como nós, a felicidade de possuir peste economica, peste agricola, peste industrial, peste social, peste politica, peste policial e outras, não pôde recear a bubonica!

Em todo caso... que o diabo a leve!

IMPRUDENCIAS

O naufragio de um pequeno escaler, que conduzia 17 pessoas á ilha do Bom Jesus, é uma prova evidente da imprudencia, ou antes da falta de criterio, dos que n'elle embarcaram, porque deveriam ter comprehendido que não era sem grande risco de virar que um bote supportaria tamanho peso, bastando para isso qualquer movimento, um pouco brusco, para qualquer dos lados.

Das 17 pessoas que tripulavam essa embarcação apenas 10 se salvaram, graças aos soccorros enviados da referida ilha, da qual a pequena distancia já se achavam os naufragos.

Com um povo geralmente tão deilexado como é o nosso, que nenhum amor parece ter á vida, sendo por isso quasi sempre victima de suas imprudencias, deveria haver um regulamento que limitasse a lotação dos botes e outras pequenas embarcações, responsabilizando os respectivos donos pelos desastres que pudessem resultar da não obediencia ao tal regulamento.

A ganancia, como a mesquinhez, é muitas vezes a causa da perda de muitas vidas.

Fui, ha tempo, testemunha de um facto, e creio bem que si não fosse a minha presença e a de alguns amigos que me acompanhavam n'essa occasião, os jornaes teriam noticiado mais um sinistro, mais um naufragio!

Achavamo-nos no caes dos Mineiros á espera de uma lancha que nos devia conduzir para bordo do paquete *Rei de Portugal*, onde iam-nos despedir de um amigo.

Em torno de nós grande numero de emigrantes, quasi todos portuguezes e hespanhões, e que tambem se dirigiam para esse mesmo paquete, discutiam o preço da condução com diversos catraeiros que os rodeavam.

Oito d'elles já se achavam accommodados em um bote, que por signal não era dos maiores que lá havia.

A prôa d'este, carregada de malas, caixas, cestos, embrulhos, gaiolas e de uma infinidade de objectos de impossivel descripção, formava uma especie de pyramide um tanto irregular e assáz pittoresca.

Suppunhamos já prestes a partir a fragil embarcação, apenas tripulada por um só homem, por ser já a carga, tanto humana como material, mais que sufficiente; porem a ganancia é como o tal regulamento: não tem limites!

O marujo continuava a chamar outros passageiros, e mais dois embarcaram, pulando por cima dos que lá se achavam, e arrumaram se como puderam.

Afinal, vendo que o bote, em vez de largar, ainda se conservava atracado á escadaria de pedra, por onde já desciam ainda tres viajantes, não me pude conter.

— O' seu *aquelle*! bradei eu; então você tem coragem de ainda admittir mais gente?!

— Não tem duvida, patrão, temos bom vento e vou á vela.

— A' vela ou não, a carga é demasiada e você não pôde garantir a vida d'esses passageiros! Dirigindo-me a estes: Ora, digam-me lá; os senhores tomaram passagem para a Europa ou para ir vêr o que se passa no fundo do mar?

Foi quanto bastou.

Os dois ultimos que haviam embarcado saltaram do tal bote, e este partiu.

Finalmente!

Cinco minutos depois chegava a nossa lancha, na qual offerecemos logar aos dois que desembarcaram, e d'ahi a momentos passavamos pela prôa da tal embarcação, que se viu em serios apuros com os vagalhões produzidos pela helice da nossa lancha, obrigando-a a uma dansa involuntaria e maritima, cheia de saltos, felizmente não mortaes, de pôpa á prôa, e que enchiam

de justificavel pavor os oito desgraçados, seguros uns aos outros para melhor manterem o equilibrio tão desequilibrado do fragil escaler, que corria serio risco de virar a todo instante!

Vimos de repente desmoronar-se a pyramidal geringonça da prôa e cahir... qualquer cousa ao mar!

A distancia já não nos permittia distinguir os objectos, mas não nos impediu de ouvir um grito estridente, pavoroso, quasi humano!

— O que seria?!

Grças á viração que vinha de fôra da barra, ouvia-se quasi tudo que se fallava no bote, e assim chegaram aos nossos ouvidos uns energicos *carajos*! e uns *márraios* *te partam*! fracas amostras de tremenda descompostura que levava o catraeiro, por ter declarado ser impossivel apanhar o que cahira ao mar, pois que vindo á vela a manobra era difficil e até perigosa.

Por meio de um binoculo, vimos então boiando, e já longe, uma mala, algumas caixas de pinho e uma gaiola.

D'esta é que partira o tal grito angustioso, e a pobre victima que o soltara era um papagaio!

Cruel destino! Naufragar na bahia de Guanabara, quando se achava em viagem para a velha Europa, elle, um dos mais illustres representantes da ornithologia brasileira, e cujos dotes oratorios são tão apreciados *urbi et orbi*!

Meia hora depois despediamos-nos, a bordo do paquete, do nosso feliz amigo que partia para o velho mundo.

Quando dispunha-me a descer para nossa lancha, senti uma rude e callejada mão segurar a minha e apertal-a com força — força demais até — mas muito desculpavel, pois exprimia, da parte de quem assim apertava, um sentimento de gratidão que eu ignorava completamente ter provocado.

Era um dos individuos que desembarcaram do tal bote. Seu companheiro, que estava proximo, tambem chegou-se a mim e apertou-me a mão quasi com igual força...

Grças a V. S., disse-me então o primeiro, escapámos devéras! Mal chegámos aqui a bordo, soubemos lá pela prôa, de onde somos passageiros, que virara um bote ha dias conduzindo nove pessoas, das quaes morreram tres! Ora, nós eramos dez n'aquelle escalerzinho, e si V. S. não fallasse...

Lá ficavamos, disse o outro, e é possivel que a esta hora estivessemos no fundo do mar!

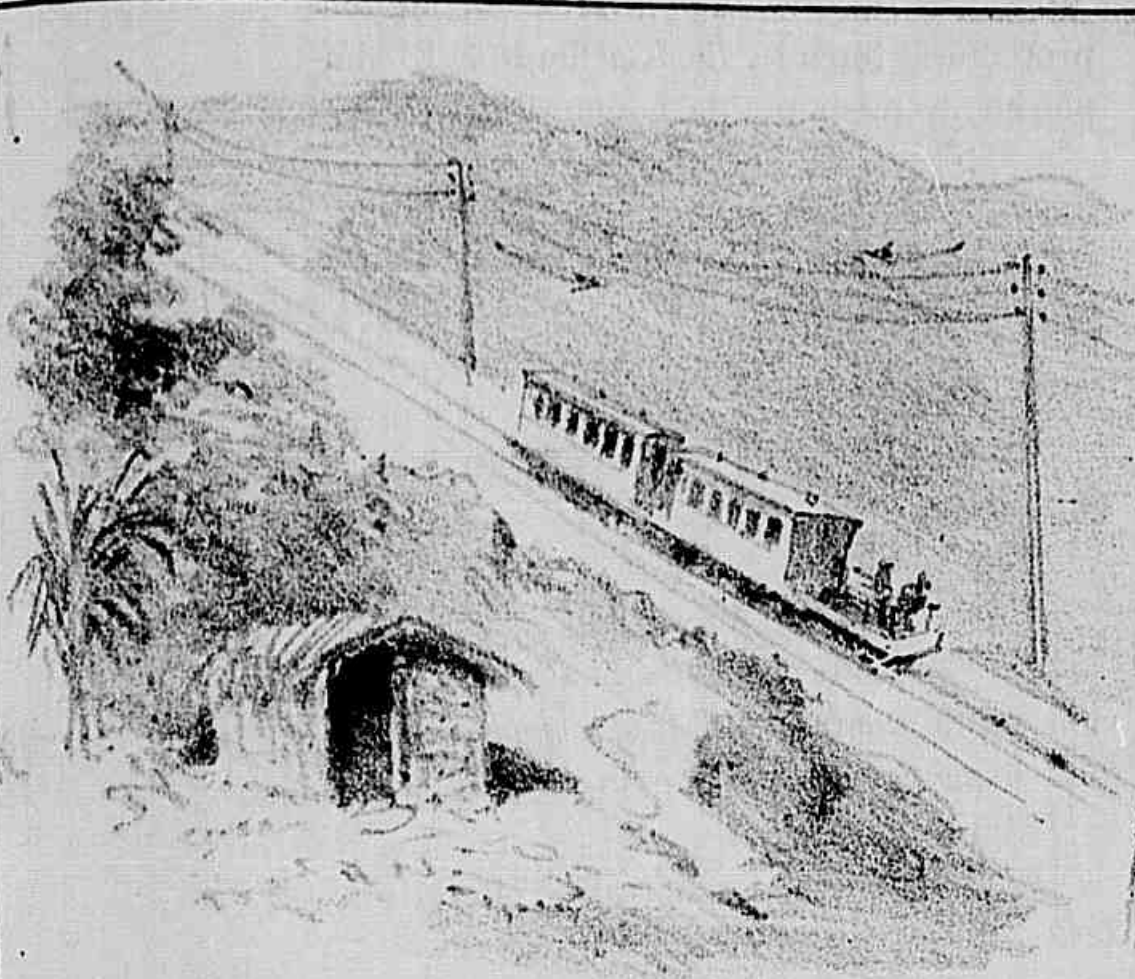
Isto de morrer é o menos, retorquiu seu companheiro, mas morrer na occasião em que partia para ir vêr a minha velha mãe que ha trinta annos me espera e tanto desejo abraçar!... isto é que é cruel!



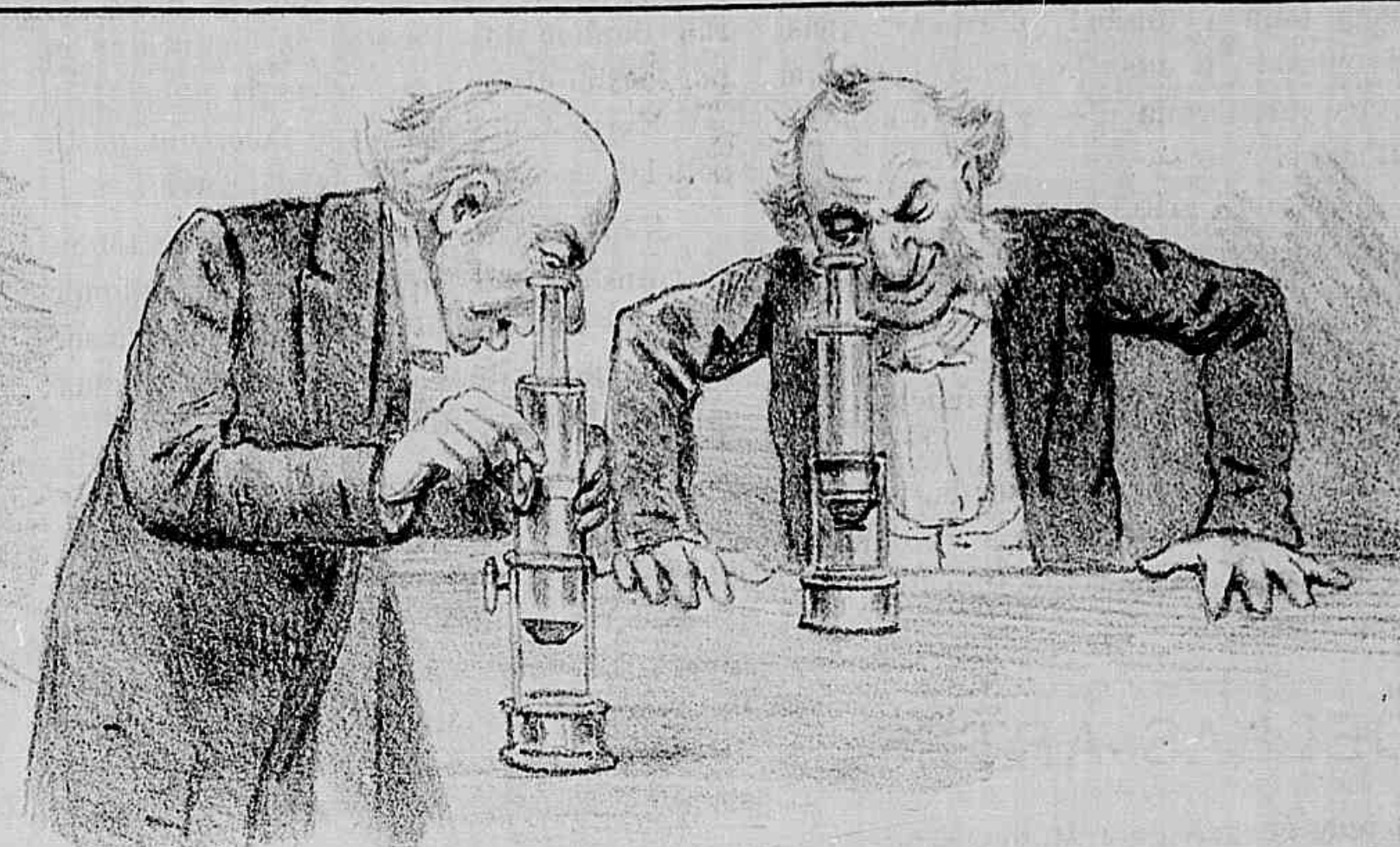
Esta hoje oficialmente declarada a peste bubónica em Santos. Dizem ter ella vindo pelo paquete "Rei de Portugal".



Um dos indícios da sua presença foi grande quantidade de ratos mortos que apareceram nas ruas dessa importante cidade.



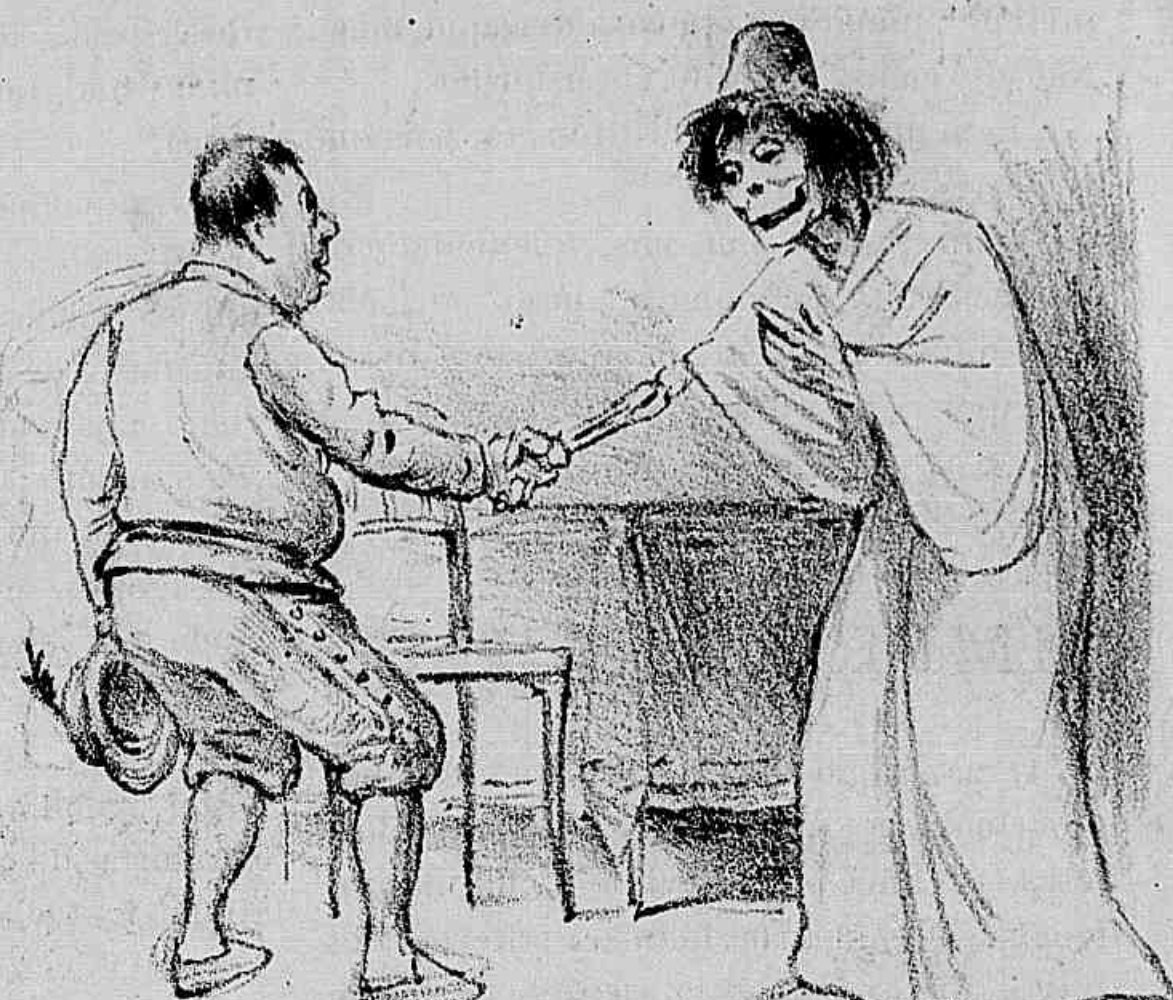
O presidente do Estado de S. Paulo tomou providencias immediatas, enviando uma commissão medico-cientifica-bacteriologica, para a cidade bubonificada. Nos fios electricos trocaram-se milhares de telegrammas e na serra do Cubatão, movimento extraordinario de trens.



Depois de acurado exame bacteriologico, as illustres capacidades scientificas confirmaram ser realmente a peste bubonica que denunciou o microscopio.



Diante um caso tão grave, enviamos immediatamente o Sancho para Santos, afim de obter um interview especial com essa Sra. Peste.



Sancho confessa ter tido no começo uma certa sensação, mas foi recebido com tanta amabilidade... Não tenha receio, disse ella, eu não faço mal a quem não tem medo de mim.



Amigavel palestra estabeleceu-se logo. — Eu não sou tão ruim como dizem, o que não gosto é dos ratos, dos porcos e da porcaria.



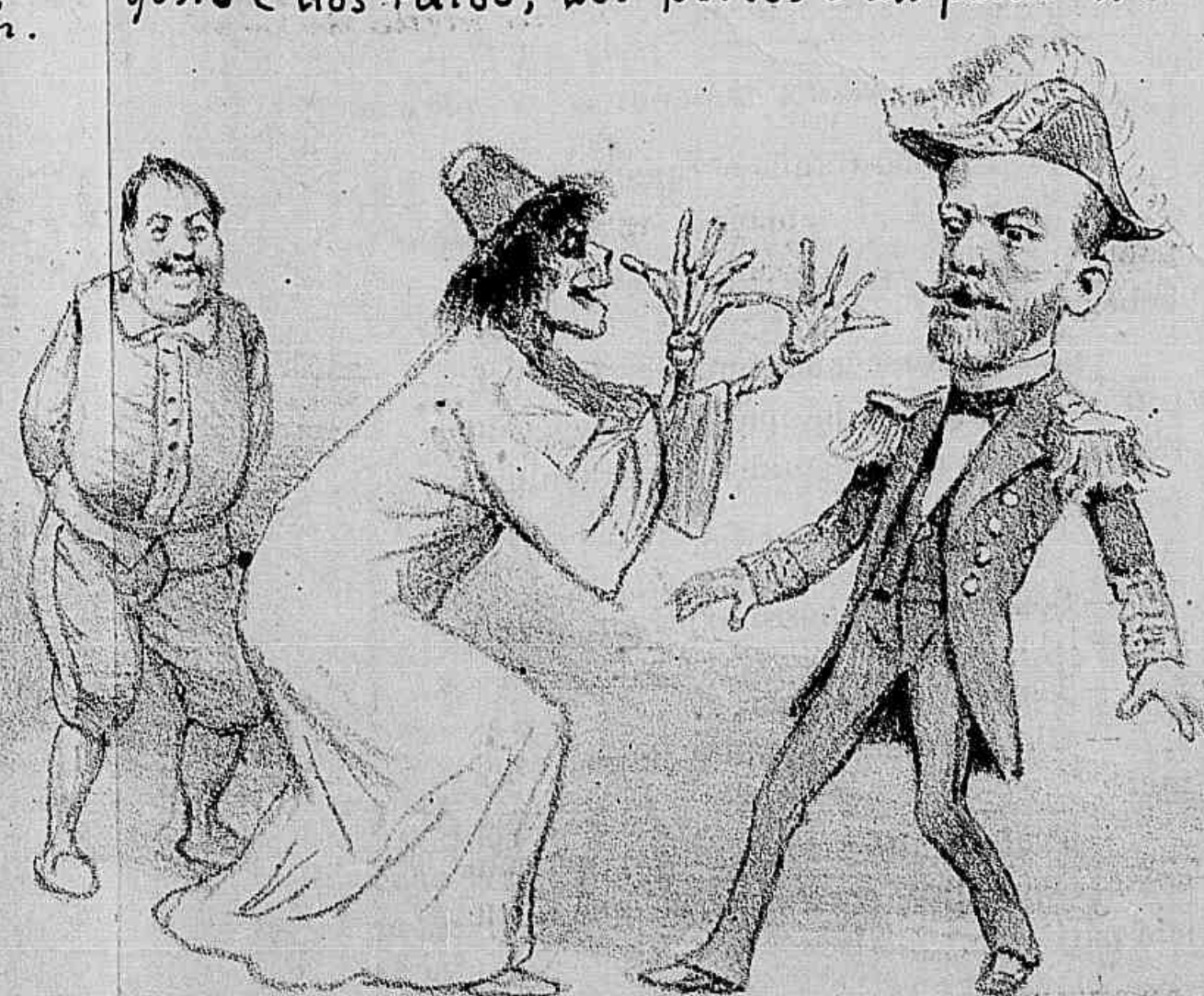
Muito peor do que eu são estas que aqui moram ha tantos annos, e causam muito mais estrago na humanidade do que eu. É' possivel até que sejam socios da empresa funeraria.



— Olha aquella sonsa! É' a peor de todas! Ella não viaja como eu, mora em toda parte e neste mundo é quem faz mais victimas!



Sancho. — O que pensa das medidas sanitarias? A resposta foi uma tremenda gargalhada!



— Si fôr ao Rio mostrarei ao Nuno o recio que tenho d'elle e das suas medidas...



Mas recommendarei ao prefeito, já que elle se encarregou da limpeza da cidade, que a faça com a maior pericia e dedicacão. Só assim se verá livre de mim.

E, dizendo isto, baixou os olhos para procurar de novo a minha mão, que apertou com toda a effusão! (d'esta vez quasi soltei um ai!) e duas lagrimas correram pela face bronzada d'esse bom e honesto trabalhador.

— Lá vou! gritei eu aos meus amigos que, já accommodados na lancha, me chamavam.

— Adeus, e boa viagem!

— Que Deus lhe dê saude e felicidade...

— Obrigado!

E desci rapidamente a escada, pensando quanto é simples, ás vezes, com algumas palavras ou um bom conselho, impedir grandes desgraças!...

BELLAS-ARTES

O jury encarregado de dar as devidas recompensas aos artistas ou amadores que mais se distinguiram na Exposição Nacional de Bellas-Artes, conferiu os seguintes premios:

2.^a medalha ao Sr. Raphael Frederico;
3.^a medalha aos Srs. João Moreira de Macedo, Manuel Teixeira da Rocha e Carlos de Servi.

Menção: Dona M. R. Arruda, Nilo de Paula e Joaquim Fernandes Machado. A este ultimo por muito favor.

O premio de viagem, considerado como o mais importante para quem nunca foi á Europa, foi conquistado com toda a justiça pelo jovem esculptor José Octavio Corrêa Lima, discipulo do Bernardelli e actualmente do Girardet. Este distincto professor, artista tão modesto quanto talentoso, é incontestavelmente um dos mais habéis gravadores em pedras finas e medallhas que temos visto, não só aqui como na Europa.

Na exposição d'este anno tivemos occasião de admirar alguns trabalhos seus, sendo uma gravura em agatha intitulada *Ondinas*, outra em aço e dois retratinhos em gesso.

Girardet, que é um verdadeiro artista, teve a maior satisfação em ver que um dos discipulos do Bernardelli e actualmente seu, foi quem obteve o mais importante premio.

Participando da mesma satisfação, damos os parabens tanto ao discipulo como a seus mestres.

X.

A RUA DA CRAPULA

E' este o titulo do artigo em que nosso collega *O Paiz* descreve o que se passa na tal rua Senhor dos Passos e que pedimos venia para transcrever:

« Não é a primeira vez que nos chegamos queixa contra o que se passa na rua Senhor dos Passos, ás escancaras e, por assim dizer, nas barbas da policia.

Existe alli, como se sabe, um posto policial, a estação da 4.^a delegacia.

Não obstante, quem quer que tenha de transitar por aquella rua, a qualquer hora do dia ou da noite, sujeita-se a ser o espectador de scenas indignas de uma capital, que se diz civilisada.

Ao grande numero de mulheres perdidas que alli existem e que continuamente affrontam o pudor das familias, que passam nos bondes, com palavras e gestos obscenos, junta-se a multidão de vagabundos e desordeiros, que não raras vezes produzem conflictos e aggressões de gravissimas consequencias.

Alli existem botequins que funcionam até adiantada hora da noite, e esses botequins, como se sabe, são outros tantos focos de tumultos e desordens.

A rua Senhor dos Passos e outras, que infelizmente existem n'esta cidade, apresentam-se-nos, pois, como verdadeiras chagas, que enfeiam e rebaixam a nossa capital, aos olhos de nacionaes e estrangeiros.

Estes, principalmente, que aqui vêm admirar a nossa *naturalidade*, si bem que não o demonstrem, hão de fazer bem triste idéa dos nossos costumes.

Essa rua é inquestionavelmente uma das mais transitadas d'esta capital. Caminho obrigado dos que se dirigem para o populoso bairro de S. Christovão, é grande o numero de familias que diariamente passam pela referida rua e que têm de cerrar olhos e ouvidos ás scenas de escandalo e ditos immoraes, com que se depara a cada passo.

Uma senhora respeitavel que hontem, ás 2 1/2 horas da tarde, teve necessidade de atravessar um trecho d'essa rua, viu-se de subito agredida por algumas das referidas mulheres, que lhe dirigiram chufas offensivas de seu pudor, obrigando-a a entrar no posto policial, onde nada lhe puderam fazer, por não se achar presente o inspector de dia.

E ahi está como no centro da nossa capital, no coração d'esta cidade, que passa por ser uma das primeiras da America Latina, existe uma rua que não póde ser transitada por pessoa que se préze, sob pena de ser desacatada!

Concordamos plenamente com o collega. A leitura de seu artigo suggeriu-nos algumas considerações ácerca do mesmo assumpto e que publicamos sob o titulo de *Peste Social*.

Damos tambem nossa franca opinião

sobre a tal lei apresentada no Conselho Municipal, e que faz da prostituição uma protectora forçada da Caridade! E' simplesmente o cumulo da immoralidade!

D'AQUI E D'ACOLÁ

ENTRE NAMORADOS

Ella — Então, pediste minha mão a papai?

Elle — Sim!

Ella — E o que disse elle?

Elle — Nada; mas olhou para mim com tanta compaixão, tanta pena, que fiquei firmemente convencido de que...

Ella — Recusará?

Elle — Não, pelo contrario; elle attendrá ao meu pedido!

REPREHENSÃO

— Menino, fique sabendo que tanto é culpado quem tira um tostão, como quem tira vinte mil réis.

Menino (comsigo) — Si eu soubesse tirava logo vinte mil reis!

LEITORES INTELLIGENTES

Lendo: N'essa terrivel explosão, um pobre homem ficou com o corpo esmigalhado e a cabeça atirada a trinta metros de distancia!

— Morreu, naturalmente?

— Homem, o jornal não o diz

— E' isso! A gente gasta um tostão para só vêr noticias incompletas!

NO TRIBUNAL

— Seu nome?

— Felisberto Espalhatudo.

— Sua idade?

— Vinte e cinco annos.

— Si não me engano, já deu essa mesma idade ha tres annos.

— E' possivel; tenho por habito todas as vezes que sou interrogado de nunca contradizer-me.

EM UM JARDIM ZOOLOGICO

O guarda mostrando o camello:

— Senhores e senhoras, este animal póde trabalhar quinze dias seguidos sem beber...

— Então, disse uma mulher, é o contrario de meu marido, que póde beber durante quinze dias seguidos sem trabalhar.

INTERRUPÇÕES

— Senhora, não posso exprimir quanto a amo!...

— Tenho muito prazer...

— Oh, ventura! então posso esperar...

— Tenho muito prazer, disse, que não possa exprimir o seu amor pois que d'elle não participo.

NO FORO

— Em que pé está o teu processo com o F.?

— Ganhei-o; o juiz despachou a meu favor.

— Admiro-me; pois que o bom direito estava do lado do teu adversario e o juiz é tido como dos mais integros.

— Por isso mesmo; escrevi-lhe pedindo que dêsse sentença a meu favor e metti no envelope uma pelêga de quinhentos mil réis.

— Mais uma razão para elle te condemnar!

— Mas é que assignei o nome de meu adversario F.

CRIADAS SABICHONAS

— O' ama! Porque é que a menina chora tanto assim!!

— Parece-me que tem colicas

— E' preciso então ver já um remedio...

— Eu já botei um sinapismo Rigolot sobre a barriga, ha mais de uma hora, mas não fez effeito pois que a menina chora ainda mais.

CRIANÇAS TERRIVEIS

— Afinal acabaste de chorar!

Ha' mais de meia hora que estou suportando teus gritos...

— Não acabei, não, mamãe, estou apenas descansando!

ENTRE MADURONAS

— Ouço dizer que os rapazes hoje são meio atrevidos e não respeitam as senhoras; pois é mentira!

Passo muitas vezes pela rua do Ouvidor e nunca bolem commigo.

— E' verdade; no tempo da monarchia elles eram muito mais atrevidos!

DEMI-MONDE

Actriz — Barão, posso confiar-lhe um segredo?

— Pois não; serei mudo como um tumulo.

— Pois bem; preciso de um conto de réis.

— Nada receie sobre esse segredo; faça de conta que não ouvi nada.

HOTEIS

Um viajante, na occasião de ir deitar-se, chama o criado e pergunta-lhe:

— Não haverá pulgas na cama?

— Não, senhor; nem pôde haver.

— Porque?

— Porque os persevejos as comem.

VAIDADE FEMININA

Uma senhora entre os 30 e 40, mas bem conservada e ainda bonita, mira-se no espelho e pergunta á sua filha, que já fez 16 annos:

— O que não darias para ter a minha belleza?

— O mesmo que mamãi daria para ter a minha idade.

ADVOGADO E GATUNO

— As provas são esmagadoras e as testemunhas são muitas, a condemnação é certa e não vejo possibilidade de salvá-lo.

— Ora, si quizesse, a cousa ainda se podia arranjar e o doutor conseguir ser eu absolvido unanimemente.

— Como assim?

— Nós entramos em um *ajustezinho* e o doutor declara ao jury ser o verdadeiro autor do roubo.

—!!!

HONESTIDADE

Depois de ter estado em varias lojas e armarinhos da rua do Ouvidor, D. F., na occasião de tomar o bonde de S. Christovão, deu por falta de seu leque de madreperola.

— Ah, meu Deus! disse ella, com certeza esqueci-o em alguma loja onde estive.

E voltando de novo á rua do Ouvidor, entrou em varias casas, nas quaes já tinha estado, e em todas lhe declararam não ter visto o leque.

Meio desconfiada e um tanto desanimada, encontrou-o afinal em um armarinho, onde fizera compras.

— Muito obrigada; os senhores aqui mostram ser muito mais honestos do que os de muitas outras lojas, nas quaes já estive.

NOSSA ESTANTE

RELATORIO do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, apresentado pelo Sr. ministro Severino dos Santos Vieira.

— Uff! terá dito S. Ex. quando o viu concluido.

Podéra! 676 paginas, sem contar innumerables mappas .. e 1.650 grammas de peso!

Qual será o membro do nosso congresso que terá força, paciencia, resignação, coragem e tempo de o ler?!

Só ha um; o Serzedello Corrêa!

AGENDA Commercial da Papelaria União, de Fernando Freire & C., rua do Ouvidor n. 43.

Esta agenda, para o anno de 1900, é realmente bonita, bem feita e muito acreditada as officinas da Papelaria União. Traz varias indicações que interessam o commercio, concernentes a ruas, praças, bairros, tabellas de cambio, regulamentos do correio, telegraphos, etc., etc.

Nossos parabens aos editores Fernando Freire & C.

CENTRO ARTISTICO — Circular enviada

pela directoria e membros da commissão de pintura e esculptura aos artistas de artes plasticas que desejarem expôr os seus trabalhos no salão que o Centro Artistico resolveu fundar n'esta capital.

Estamos inteirados. A idéa é boa, o projecto attrahente e seus 12 artigos accetaveis. Mas... queremos ver para crer. Gato escaldado d'agua fria tem medo.

Nem o Centro Artistico, nem ninguem n'esta terra, conseguirá abalar a profunda apathia e a estúpida indifferença do nosso respeitavel publico em materia de arte, plastica ou não plastica.

Não é com meia duzia de amadores que esta se pôde sustentar.

Que o Centro faça uma exposição de bichos. A concorrência será enorme.

Desde já nos compromettemos a mandar-lhe alguns pintados e até com moldura.

Bichos e loterias, loterias e bichos! E' o que está na moda!

SAL E PIMENTA, n. 1 — Si lhe juntassem azeite e vinagre, seria esse novo jornal uma succulenta salada de boas pilherias, artigos engraçados e poesias chistosas. O seu mister, como elle mesmo declara, é amenisar o espirito de seus leitores.

Nossos melhores votos para que essa amenisação dure longos annos.

CONVITES:

Para o sarão-concerto do importante Club do Riachuelo, que se realizou em 11 do corrente;

— para as corridas do Derby-Club, onde se disputou o grande premio Dr. Frontin;

— da directoria do Club de Regatas Icarahy, para as regatas que se realizaram em 15 do corrente;

— do Sr. Antonio José de Azevedo, para assistir á benção e inauguração de seu novo estabelecimento á rua Chile (ex da Ajuda) para onde transferiu a padaria Vienna.

Desejamos-lhe grande prosperidade e muita freguezia. Sendo o seu pão abençoado, sua acceitação será enorme!

— da *Estudantina Arcas*, em um bello e chistoso cartão feito a mão e que denota grande habilidade e bom gosto da parte de quem o executou, para o grande *pic-nic* a realizar-se em 22 do corrente, nas Laranjeiras.

RELATORIO da Real Sociedade Beneficente Portuguesa no Pará, da qual é presidente o Sr. Joaquim da Silva Vidinha. O seu capital é de 742 contos de réis! Nada mais nem menos! Decididamente, não ha como os portuguezes para essas cousas de beneficencia.

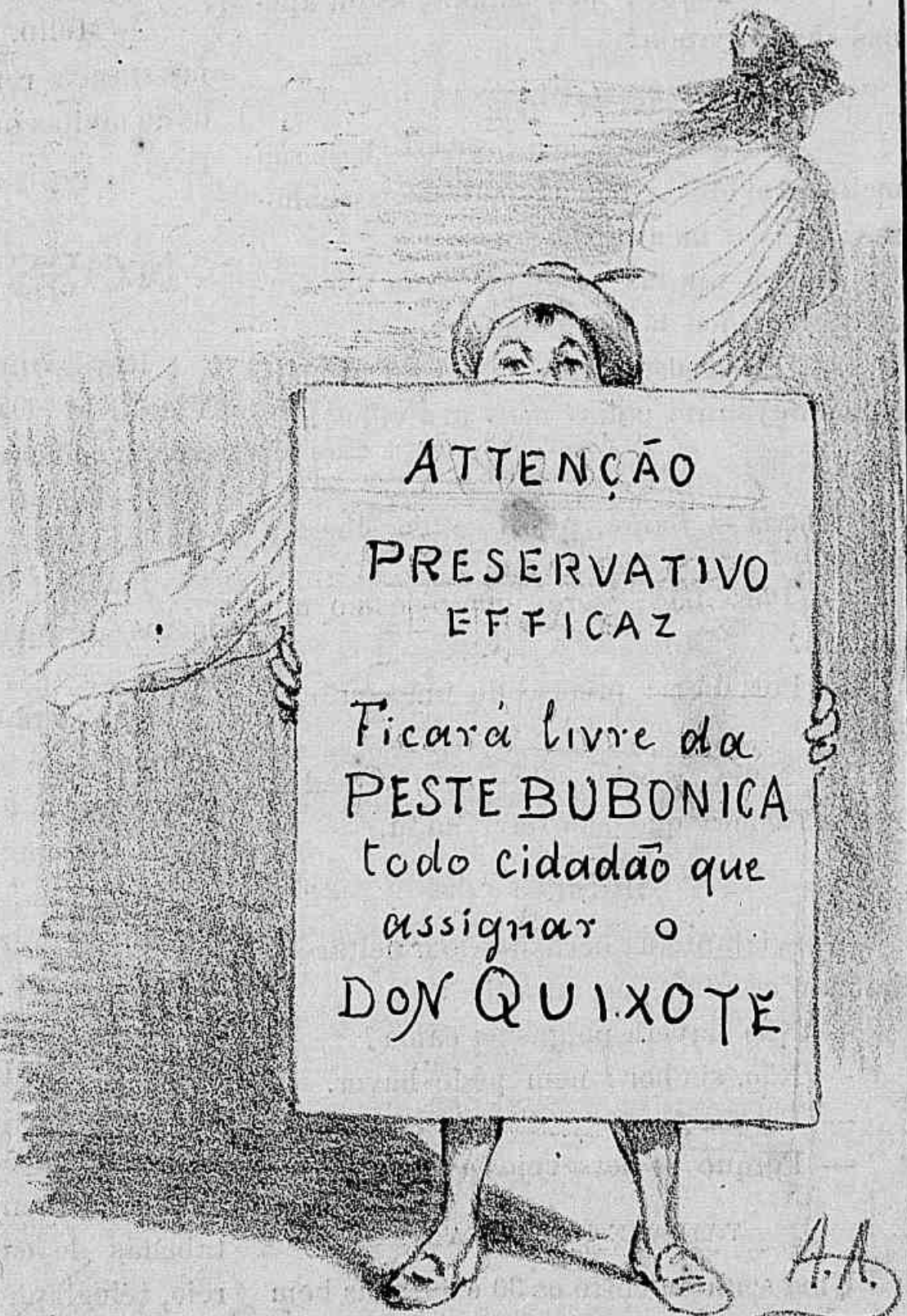
Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



Sancho. — De modo que se a cidade estiver
bem limpa...

Ella. — Tratarei logo de me pôr ao fresco;
e é bem possível que as minhas collegas
me sigam.

— Então, venha de lá um abraço!



Do prefeito, que tem a faca e o queijo — isto é —
a vassoura e a carroça, depende o real sanea-
mento desta cidade. É caso de S. Ex.^a pensar no caso!

Em reconhecimento a
visita do Sancho à Pesta,
ella transformou nosso jornal
no melhor preservativo.